



PAISAGENS SONORAS E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Daiane Aparecida Araújo de Oliveira

Daiane.aao@gmail.com¹

Resumo

O presente texto é fruto das experiências e pesquisas acadêmicas da autora e tem o objetivo de demonstrar teoricamente e com alguns exemplos a importância de atividades que desenvolvam a consciência das crianças sobre paisagens sonoras nas práticas pedagógicas da educação infantil. Para isso, é realizado um diálogo entre a teoria histórico-cultural, geografia da infância e o conceito de paisagem sonora de Murray Schafer. A partir das experiências e dos estudos acadêmicos desenvolvidos, foi possível perceber que ao tomar consciência das sonoridades a qual estão inseridas, as crianças apropriam-se de elementos de sua realidade, de seu território e sua relação com estes.

Palavras-chave: teoria histórico-cultural, geografia da infância, paisagens sonoras.

Paisagens sonoras e educação infantil

Este texto tem por objetivo demonstrar a importância de atividades que desenvolvam a consciência das crianças sobre paisagens sonoras nas práticas pedagógicas da educação infantil. Para que este objetivo seja alcançado, será realizado um diálogo entre as experiências de práticas educativas da autora, a teoria histórico-cultural de L.S Vigotski, geografia da infância e o conceito de paisagens sonoras de Murray Schafer.

A paisagem é um conceito e um campo do estudo de geografia, que pode ser definida como “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1997, p. 61). A partir do conceito apresentado por Milton Santos, é possível perceber um entendimento não reducionista do conceito de paisagem, mas sim, a compreensão e valorização dos mais diversos elementos que constituem uma paisagem. A partir disso, é que o presente texto optou por dar

¹ Mestranda da Universidade de Brasília – UnB.

ênfase às sonoridades que compõe as paisagens e a importância de sua inserção dentro das práticas da educação infantil.

Ainda é comum pensar no conceito de paisagem e associá-lo à uma cena que afeta somente o sentido da visão, com seus aspectos físicos e materiais. O conceito trazido por Milton Santos nos mostra que a paisagem pensada exclusivamente dentro do campo visual não é suficiente para compreender sua relevância na vida de uma sociedade. Os sons – que afetam o sentido da audição, precisam ser valorizados dentro do conceito de paisagem e a partir dos estudos de Murray Schafer, o conceito de paisagem sonora ganhou força.

Aproximadamente na década de 70 do século XX, Murray Schafer liderou, em Vancouver, uma pesquisa sobre o ambiente sonoro chamada “The World Soundscape Project”. Nessa época, ele cria o conceito de paisagem sonora, em inglês, “soundscape”, como a junção de duas palavras “sounds” (som) e “landscape” (paisagem). Por paisagens sonoras, compreende-se que “[...] é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras.” (SCHAFER, 2011, p. 23).

Schafer faz análise das mais diversas paisagens sonoras, entre elas as paisagens rurais e urbanas, considerando como acontecimento marcante na alteração dessas paisagens a Revolução Industrial. Com o advento as indústrias, os sons urbanos foram fortemente alterados, devido à migração de pessoas da zona rural para a zona urbana, criação de fábricas e novas máquinas que emitiam sons na cidade. Para Schafer (2011), por meio dos sons, era possível perceber a mudança no ritmo de trabalho das pessoas, porque, antes da revolução, o ritmo de trabalho era sincronizado pela respiração e associado às canções. Depois, passou a ser regido pelos sons das máquinas.

Diante da base teórica a qual este trabalho está fundamentado, é possível afirmar que as sonoridades têm relação com fatores históricos e culturais. Elas são afetadas pelos seres humanos que constituem a paisagem e criam sons, mas também afeta os mesmos seres, que ouvem e vivenciam os sons. Nesse sentido, há uma relação dialética entre os sons e os seres humanos. O fluxo dialético é bem explicado por Vigotski (2003, p. 65) ao falar sobre o “[...]”



dialético caráter de luta incessante entre o mundo e o ser humano e entre os diferentes elementos do mundo dentro do ser humano.”

Dentro do conceito de Paisagens Sonoras criado por Schafer, existem seus desdobramentos, por exemplo: nas paisagens sonoras existem o que chamamos de sons fundamentais. “Os sons fundamentais de uma paisagem são os sons criados por sua geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais” (SHAFER, 2011, p. 26). Para o autor, estes sons podem estar imprimidos tão profundamente nas pessoas, que sem eles, a vida seria empobrecida. Em outras palavras, pode-se dizer que os sons fundamentais de uma paisagem estão internalizados nas pessoas, ou seja, faz-se ainda mais necessário um trabalho voltado para a tomada de consciência das paisagens sonoras dos espaços ocupados por essas crianças e a proposta de atividades que desenvolvam essa consciência na educação infantil pode contribuir para isso.

Estudar os sons é tão importante quanto estudar todos os outros aspectos da paisagem, mas diferencia-se pelo fato de “O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção de sons é a última porta a se fechar, e é também a primeira a se abrir quando acordamos” (SCHAFER, 2011, p. 29), sendo assim, rotineiramente o meio sonoro em que as pessoas estão inseridas as afetam diretamente, mesmo que elas não notem conscientemente.

Diante do exposto, nota-se que os sons fazem parte da cotidianidade das pessoas e que os ambientes possuem suas paisagens sonoras. Logo, é importante pensar que as sonoridades do meio afetam a vida das crianças e que elas precisam desenvolver consciência sobre isso. O meio, como Vigotski (2018) afirma, é fonte de desenvolvimento, ou seja, não é só um ambiente, mas fonte de desenvolvimento para quem o vivencia. Se as sonoridades compõem o meio, elas, então, também influenciam o desenvolvimento das crianças.

Os estudos de paisagens sonoras, apesar de terem se iniciado dentro dos estudos acústicos da música, contribuem para as áreas de geografia e educação, porque reforçam a necessidade da compreensão do conceito de paisagem para além do visual e impulsiona novos estudos na área. Esses estudos são importantes e devem estar preparados para superarem algumas dificuldades, dentre elas, o fato de que existem mais registros históricos escritos ou desenhados e raramente gravados. Ainda assim, é possível realizar o estudo do campo acústico,

por meio de relatos, experiências e vivências de pessoas à época, que se caracterizam como testemunhas auditivas (Schafer, 2011).

Portanto, é possível afirmar que todas as pessoas possuem experiências e vivenciam momentos cotidianos junto a paisagens sonoras, mesmo que muitas vezes isso não seja compreendido de forma consciente, os seres humanos estão imersos em um mundo de sonoridades que ao mesmo tempo que os constitui, também é constituído por eles. Pensar as paisagens sonoras dentro do ensino de geografia da educação infantil, significa organizar o espaço social de aprendizagem com uma intencionalidade pedagógica para que as crianças desenvolvam consciência sobre as sonoridades dos locais a qual elas estão inseridas e a partir disso consigam compreender mais sobre os seus espaços e territórios.

Vigotski (2018) em sua Quarta aula de Pedologia, “O Problema do meio na pedologia”, enfatiza a importância do meio no desenvolvimento da criança. Para compreender a influência do meio para as crianças, é preciso compreender a vivência. Ele afirma que “A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança” (VIGOTSKI, 2018, p. 75), ou seja, a depender a vivência que a criança tiver com um som, ele contribuirá de uma maneira diferente para seu desenvolvimento, suas particularidades e sua personalidade. A maneira em que uma paisagem sonora pode influenciar uma criança, depende da sua vivência com os sons que constituem essa paisagem.

Para compreender melhor essa relação pessoa-meio, é necessário explicar o que é a vivência na teoria histórico-cultural. A vivência “[...] é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso” (VIGOTSKI, 2018, p. 78). A relação pessoa-meio não é determinada previamente, ela é única e essencial no desenvolvimento da personalidade, depende de como uma pessoa se relaciona com o meio em cada fase da vida. Para Lopes (2018) a vivência faz com que a criança não esteja apenas inserida no meio, mas que ela seja o próprio meio.

As afirmações anteriores demonstram que pensar no conceito de vivência para compreender a relação com as paisagens sonoras é essencial para entender que, cada criança



será afetada de maneira distinta pelos sons que a cerca e que tomar consciência dessas sonoridades pode modificar suas vivências e contribuir para seu desenvolvimento.

O desenvolvimento, na teoria histórico-cultural é compreendido como “[...] um processo de formação do homem ou da personalidade que acontece por meio do surgimento, em cada etapa, de novas qualidades, [...]” (VIGOTSKI, 2018, p. 36). A criação de algo novo, novas formas de condutas ou sentimentos, tem relação com as experiências vividas. Os sons de um ambiente, por exemplo, sons de buzina, músicas, palavras, podem criar novas formas de conduta e sentimentos, influenciando o desenvolvimento do ser.

Essa maneira de pensar o desenvolvimento humano respeita as crianças em suas potencialidades, porque uma vez suas vivências respeitadas, ela também estará sendo respeitada enquanto ser social e relacional, que experiencia o mundo que a cerca, pois como Vigotski afirma, “[...] o fator decisivo do comportamento humano não é só o fator biológico, mas também o social, [...]” (VIGOTSKI, 2003, p. 63),

A base filosófica da teoria histórico-cultural é a filosofia spinozista. Spinoza (2017), ao afirmar que os bons e maus encontros deixam marcas ao ser humano, nos mostra o princípio dos conceitos de experiência e vivência atribuídos na teoria histórico-cultural de Vigotski. Ele também afirma que “Homens diferentes podem ser afetados diferentes por um só e mesmo objeto, e um só e mesmo homem pode, em momentos diferentes, ser afetado diferentemente por um só e mesmo objeto” (SPINOZA, 2017, p. 221), sendo assim, em cada período da vida, uma criança pode ter um bom ou mau encontro com uma pessoa, um ambiente e com um som, o que deixará marcas.

Por exemplo, o som do motor de caminhão pode afetar de maneira diferente três crianças. Para a primeira criança, pode lembrar a paisagem sonora de uma avenida que passa perto à sua casa. Para a segunda, pode lembrar o caminhão do lixo, que passa todos os dias no mesmo horário em sua casa. E para a terceira, pode lembrar de quando os caminhões de lixo chegam ao lixão, em que ela e seus pais estão, para realizar a coleta. Cada criança, se for instigada a pensar sobre o som do motor de caminhão, pode pensar em elementos presentes na sua realidade antes não percebidos, promovendo a criação de novas formas de pensar e de agir.

A partir do exemplo citado acima, nota-se que uma atividade relativamente simples, a de fechar os olhos e emitir como são os sons do motor de um caminhão, pode acessar

experiências e vivências das crianças a partir da memória. Considerar o ser humano com toda sua bagagem cultural e histórica como a teoria histórico-cultural faz, assumiu no início século passado e ainda assume neste século um caráter revolucionário na compreensão do desenvolvimento humano. Respeitar as experiências sonoras das crianças e usá-las no desenvolvimento de uma consciência e compreensão mais ampla de seus territórios é um caminho para trabalhar a geografia na educação infantil.

Existem outras atividades, assim como a do caminhão, que se organizadas de maneira intencional, podem auxiliar no desenvolvimento dessa consciência sobre os sons e os lugares das crianças. Na escola, explorar os momentos de brincadeira e os ambientes externos à sala de aula podem contribuir no desenvolvimento dessas atividades. Realizar uma caminhada sonora com as crianças, percebendo os sons existentes na escola e os externos a ela, contribui para a construção da consciência sobre os sons e o lugar em que elas estão rotineiramente. Pode fazê-las perceber suas influências sobre aquele lugar, que pode ser mais barulhento ou silencioso. Pode ter mais sons de afetividade em relação aos sons de desafetos. Dentre outros exemplos.

Além disso, tem outras atividades para serem exploradas com o objetivo de acessar a memória e as marcas que os sons deixam nas crianças. Por exemplo, pode-se organizar com as crianças um túnel sonoro de trânsito e a partir disso instiga-las a pensar sobre sua relação com o trânsito. No túnel sonoro as crianças se organizam em um túnel e todas emitem um som de trânsito que se recorda ao mesmo tempo. Em duplas, elas vão passando dentro do túnel e ouvindo o conjunto de sons emitidos – que forma a representação de uma paisagem sonora. Depois de todas passarem pelo túnel, é possível fazer em roda um debate e discussão sobre a atividade realizada, ouvindo como foi a experiência e transferindo para as vivências que elas possuem com os sons desse ambiente. É possível problematizar, a partir disso, qual o espaço das crianças no trânsito, como elas se enxergam nele e pensam esse ambiente.

Essas foram algumas atividades já propostas pela autora em sua prática e atuação docente na educação infantil, que de maneira intencional, gerou grandes debates e reflexões em crianças de 5 anos. A maneira como as atividades foram conduzidas e o resultados obtidos em diálogo com os referenciais teóricos estudados contribuem para a compreensão da relevância do estudo das paisagens sonoras na educação infantil.



Foi possível, a partir desse diálogo entre as atividades propostas e as teorias escolhidas, perceber a importância da existência de atividades com essa intencionalidade dentro do ambiente escolar, na educação infantil. Para tanto, o professor precisa assumir um papel de organizador do ambiente social de aprendizagem e organizar este ambiente de maneira que as crianças possam compreender melhor o seu espaço nos lugares em que vivem.

Referências bibliográficas

LOPES, Jader. Janer M. **Geografia e Educação Infantil - Espaços e Tempos Desacostumados**. Porto Alegre: Mediação Editora, 2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 61-2.

SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. R. Murray Schaffer; tradução Marisa Trench Fonterrada. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SCHAFFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. R. Murray Schaffer; tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal; revisão técnica de Aguinaldo José Gonçalves. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Bilingue Latim-Português. Tradução de Tomaz Tadeu. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica: Edição comentada**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.



_____. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia. L. S. Vigotski;** tradução [e organização] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. 1ª edição. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.